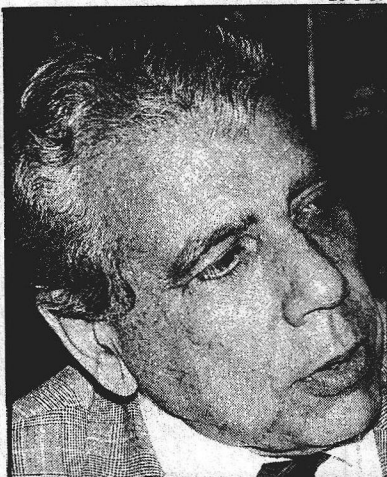
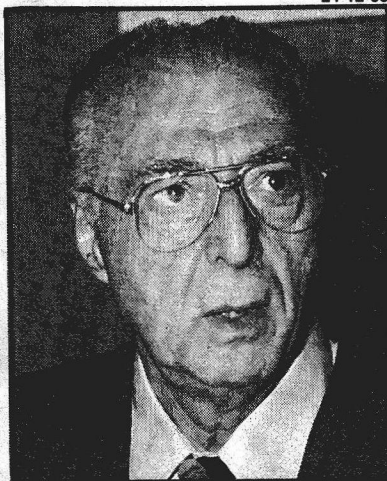


23-5-87



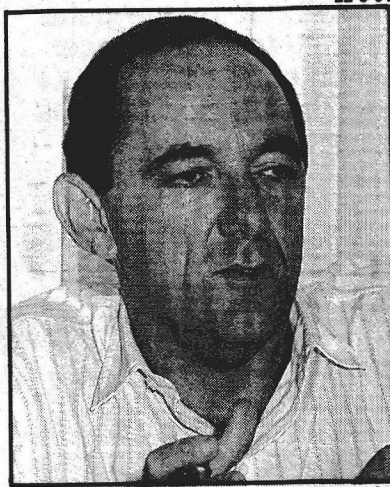
Ermírio: cada pacote é uma ilusão

24-12-88



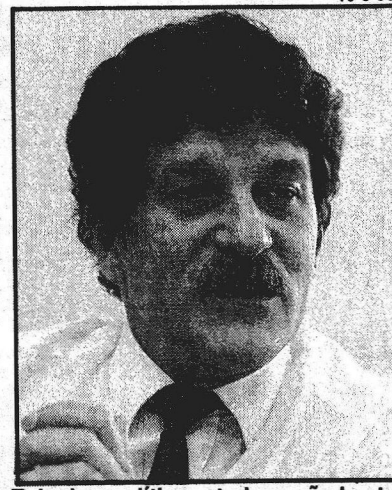
Amato defende desregulamentação

22-3-91



Fritsch: ajuste depende de acordo

16-9-90



Teixeira: política ortodoxa não basta

## Empresários e economistas cobram a aplicação do ajuste fiscal

**Antônio Ermírio de Moraes, superintendente do grupo Votorantim:** "Cheguei até a prever um choque de dois mil volts em outubro do ano passado, mas depois expliquei ao ministro Marcílio Marques Moreira que era uma provocação. O país já passou por seis choques que não deram certo. Cada pacote é uma ilusão e uma forma de o Governo ganhar votos. Agora sei que não vem mais pacote e a única reivindicação que faço ao ministro Marcílio é a isenção de impostos sobre as exportações de algumas matérias-primas. É uma forma de combater a recessão."

**Arthur João Donato, presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan):** "Acho que estamos nos habituando à normalidade. É importante salientar que o ano sem choques parece estar a prenunciar seus primeiros resultados: a inflação se estabilizou, com tendências a cair, e além disso, os primeiros sinais de recuperação da atividade industrial já começam a ser enunciados. Não acredito na necessidade de edição de novos choques daqui para frente: e também não os desejo. O fato é que a cada choque ocorrido no passado os brasileiros saíram sempre mais pobres."

**Erling Lorentzen, presidente da Aracruz Celulose:** "O ano passado acabou sendo marcado pelo fator positivo que foi a mudança da equipe econômica. Uma equipe mais ponderada, que criou um sentimento de estabilidade, apesar da inflação ainda estar alta. Um momento importante foi o fim de outubro, quando o dólar disparou, e a equipe deu uma demonstração de moderação que é muito importante para os empresários. Eu acho que é de grande importância manter essa política porque estes choques, que foram necessários no passado, acabaram perturbando profundamente a vida de todo o País."

**Ricardo Degenszejn, presidente da Formiplac:** "Não sobrou nada do Plano Collor II e o que se tirou de bom de 1991 foi a percepção de que o Governo parece ter entendido que pacotes não resolvem. O nosso setor, que é muito ligado à construção civil, sofreu e está sofrendo muito com a recessão. Acredito que a atual política econômica poderá permitir que o País se estabilize, mas não sem que antes os orçamentos das diferentes esferas de governo estejam equilibrados. Se o orçamento fiscal se equilibrar, teremos uma queda acentuada de inflação em 1993. Pensar em queda acentuada antes disso é não entender de aritmética."

**Mário Amato, presidente da Fiesp:** "Considero positivo passarmos um ano sem pacote econômico e aprovo o atual aperto monetário adotado pelo ministro da Economia. Mas acho discutível sua manutenção por longos períodos. A Fiesp tem enfatizado a necessidade de desregulamentação da economia e redução do tamanho do Estado. Acho que falta apenas o Governo agilizar sua proposta liberalizante."

**Aloísio Teixeira, diretor do Instituto de Economia Industrial (IEI) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ):** "O único êxito palpável deste último ano foi o expurgo das expectativas em torno de um novo choque, e, conseqüentemente, da redução dos reajustes preventivos de preços. O ano foi uma desgraça para quem vive de salário e também não foi bom para a economia como um todo — 1% de crescimento, que seja, nem repõe os níveis de 1990. E esta política ortodoxa em curso não é suficiente para fazer a inflação cair a níveis aceitáveis. É preciso algum tipo de política de rendas negociada. Não falo em choques — isto a economia não comporta tão cedo — mas são necessárias regras para preços e salários. Não há como agüentar por muito tempo a recessão, o desemprego, a queda de salários e taxas de juros."

**Winston Fritsch, professor da PUC/RJ:** "Os dois grandes fatores que poderiam provocar descontrolado inflacionário seriam choques agrícola e de petróleo, para o que, entretanto, não há perspectiva. Se a negociação da dívida externa chegar a bom termo, cabe ao Governo produzir um ajuste fiscal e reduzir os juros. Neste cenário, sem choques, chegaremos a dezembro com inflação entre 15% e 20% e com expectativas favoráveis. Mas sem o ajuste, a inflação cresce e criam-se condições para um novo choque. Mas o ajuste depende de um acordo entre Executivo e Legislativo. Com essa inflação, a melhor coisa para provocar um choque é a expectativa de choque."

**Carlos Langoni, ex-presidente do Banco Central (BC):** "A persistência da equipe do Marcílio nesta linha de tratamento ortodoxo acabou com a inflação defensiva, gerada puramente por especulações em torno de choques mirabolantes. Outro ganho do ano passado foi a normalização das relações com o FMI. Assim, cada vez mais temos a sensação de que não será necessário qualquer choque: o segredo está numa segunda rodada de ajuste fiscal. O que derrubaria a inflação, sem qualquer heterodoxia seria uma reforma fiscal profunda, como a feita pelo México."